

O peso do cientificismo

The weight of scientificism

MAIA, Carlos Alvarez. *História das ciências: uma história de historiadores ausentes. Precondições para o aparecimento dos sciences studies*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 306p.

Helena Miranda Mollo

hmollo@bol.com.br

Professora adjunta

Universidade Federal de Ouro Preto

Rua do Seminário, s/n - Centro

35400-000 - Mariana - MG

Brasil

Palavras-chave

História das ciências; Historicidade; História das ideias.

Keywords

History of Sciences; Historicity; History of ideas.

271

Recebido em: 24/4/2015

Aprovado em: 8/8/2015

A obra *História das ciências: uma história de historiadores ausentes*. Precondições para o aparecimento dos *sciences studies*, lançada em 2013, vem preencher uma lacuna sobre a historiografia das ciências, principalmente no Brasil, onde vemos tal discussão ocupar espaços muito específicos, quase exclusivamente em ainda poucas dissertações e teses.

Carlos Alvarez Maia apresenta uma consistente pesquisa sobre a jamais tranquila relação entre as formas de compreensão da ciência e sua historiografia, como se pode ver na provocação que faz sobre o tema: “a história das ciências guardava mais proximidade com a filosofia da ciência e com a ciência historiada do que com a história propriamente dita” (MAIA 2013, p. 23).

Historiar essa ausência é trilhar um caminho tortuosíssimo. Durante o século XX – e assim o autor escolhe abrir sua carta de intenções –, a atividade científica acostumou-se a várias lentes: filosofia da ciência, sociologia da ciência, antropologia, que inauguraram, esses dois últimos, um novo campo disciplinar, os *science studies*. Misturada ou tímida, a história parece não representar uma forma narrativa que dê conta da ciência, suas escolhas, seu universo.

C. A. Maia escolhe olhar um enredo longo, uma rede complexa de atores, lugares e disputas para analisar como e por que a história e os historiadores mantêm ou são mantidos a certa distância, quando se trata da ciência. Identifica-se, no livro, a elaboração de uma genealogia do problema, que, de uma forma surpreendente, propicia profícuas discussões, como aquela sobre a história da historiografia como um campo de aproximação com a história das ciências. Mesmo profícuas, a discussão é marcada por inúmeras fraturas entre a perspectiva da historicidade e a compreensão e elaboração do(s) lugar(es) da ciência.

Após uma forte retração durante a primeira metade do século XX, o crescimento da história das ciências, a partir da sua segunda metade, exhibe novos contornos deste campo. Pode-se identificar, nesse período, a busca de saídas para a polêmica sobre as formas internalista e externalista de narrativa da ciência. O conhecido trabalho de Thomas Kuhn, espécie de ícone do questionamento das esferas *i/e*, recebe, nesse trabalho de Maia, um olhar que o coloca no contexto pós-guerra, momento em que afloram questões importantes, como a discussão sobre a tradição das *duas culturas* – as humanidades e a ciência – e sobretudo como podem ser elaborados pontos de reflexão comuns a partir das duas expressões.¹ O problema, importante para os rumos da discussão *i/e*, segundo Maia, é colocado a partir da década de 1950, por Charles Snow e James Connant, mas os possíveis caminhos para a superação desse problema tardariam ainda a surgir.

¹ O termo de Charles Snow – *duas culturas* – aparece em sua conferência proferida em Cambridge em 1959 (publicada em livro no mesmo ano, e reeditada em 1963). O impacto das idéias de Snow foi intenso ao provocar os intelectuais das duas tradições, salientando-lhes a ignorância ‘recíproca’ em relação às formas de concepção e condução de suas pesquisas. Em 1995, quando foi lançada a tradução, no Brasil, de *As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das Duas culturas e a Revolução científica* (tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato Rezende Neto) embora conhecidas suas idéias, veio contribuir para o debate sobre o papel das diferentes culturas na história do conhecimento. É do ano seguinte, 1996, a publicação de *As três culturas*, de Wolf Lepenies, sobre o lugar da Sociologia na organização do conhecimento, a partir do século XIX.

Essa questão é tratada no *História de historiadores ausentes* como parte de uma outra, um outro matiz, como uma certa indefinição ou mesmo alguns desequilíbrios na construção do mundo por parte da ciência. E seu desdobramento, no livro, passa por outras indagações, entre eles, como ela promoveu a sua própria história e por quais transformações passou?

Frente a esses e outros mais desafios, Carlos Alvarez Maia organiza sua reflexão em oito capítulos: 1. A história mantém-se afastada da ciência; 2. Uma outra história das ciências; 3. Cientificismo *versus* historicismo; 4. Mannheim e Gramsci abandonados; 5. Domesticação da história das ciências; 6. Mannheim e Fleck derrotados, Merton vitorioso; 7. Agentes domesticadores da história das ciências: a comunidade científica e a corporação da *big-business science*; 8. A comunidade e a corporação da *big-business science*.

Identifica-se logo a apresentação de um limite: de que forma a história como campo de investigação deixou de lidar com as ciências enquanto seus possíveis objetos? O movimento é, sem dúvida, de mão dupla, e, para C. A. Maia, o “distanciamento disciplinar da história das ciências do continente História ocorreu graças a uma contaminação sofrida por sua proximidade com as ciências historiadas” (MAIA 2013, p. 28). Para o autor, o cientificismo seria, então, o responsável por esse movimento, visto que fez da ciência um território apartado do mundo social, e seu desdobramento, o esvaziamento da historicidade da prática científica, provocando a essencialização.

Outras questões emergem, a partir da ideia central. O caminho da essencialização, entretanto, parece indicar a impossibilidade de a ciência histórica fornecer, satisfatoriamente, uma interpretação dos fatos científicos. O modelo criticado no livro *História das ciências: uma história...* revela-se uma prática de inspiração na *história mestra da vida*. Através da leitura de Morazé (MORAZÉ 1967), o autor destaca a história das ciências identificada com o registro de “spots epistemológicos de filósofos e cientistas-historiadores [...] destacado de seu contexto e apresentado na ribalta acadêmica sem as nuances que lhe dariam textura sociológica, profundidade temporal e perspectivas históricas” (MAIA 2013, p. 38). Maia destaca como importante a década de 1970, em que se distingue uma discussão sobre a história e a história das ciências e suas aproximações. Em 1975, a *Revista Annales* consagra um número, *Histoire et Sciences* ao debate, e pode-se ver, em perspectiva mais ampla, a preocupação com os fundamentos da ciência história através da obra *Faire de l’Histoire*, que no Brasil foi traduzida com o título *História: Novos objetos, Novos problemas, Novas abordagens*. Jacques Le Goff e Krzysztof Pomian promoveram um debate bastante profícuo e Pomian, em especial, defendia que a história da historiografia como esforço cronológico tinha ali seu termo; interessava, naquele momento, o debate sobre a elaboração entre o conhecimento, ideologias e as “exigências da escrita” (MAIA 2013, p. 53). Com a preocupação voltada para as ferramentas cognitivas, era, então, possível pensar as ligações entre a “história do conhecimento e a dos diferentes usos que dele se faz” (MAIA 2013, p. 54).

O cientificismo como força organizadora fez impregnar nas ciências históricas o paradigma das ciências naturais, fazendo com que seus mitos, muitos deles de origem, criassem impedimentos mútuos:

Em linhas gerais, o distanciamento disciplinar da história das ciências do continente História ocorreu graças a uma contaminação sofrida por sua proximidade com as ciências historiadas. E esse contágio propagado pelas ciências naturais contamina também a disciplina história, porém produzindo um movimento em direção oposta. Se, por um lado, a história das ciências aproxima-se das ciências e incorpora seus mitos, por outro, a história afasta-se dessas ciências, e o faz incorporando também os mesmos mitos (MAIA 2013, p. 12).

Ainda na primeira parte do livro, o autor destaca um outro ponto de desdobramento do problema da historicidade: o corte entre forma e conteúdo; forma social e conteúdo cognitivo. A historicidade do conhecimento seria negada para ser afirmada a existência de um conhecimento. O livro indica que a força cientificista em feição neopositivista, estabelecida pelos cientistas e filósofos do Círculo de Viena, recebeu forte crítica no início do século XX, pela sociologia mannheimiana, que propunha o enraizamento do saber na historicidade. Em outras palavras, o processo de conhecimento desvincula-se de uma "lógica interna" como única forma de compreensão e elaboração de uma narrativa sobre a ciência. Mannheim estabelecia assim *a teoria da determinação social do conhecimento* (ÁVILA 2013, p. 41). Nessa fina tessitura de uma nova rede de significados, a teoria mannheimiana parecia realizar um corte na validade do cientificismo, mas a polêmica logo foi instaurada, a partir da crítica ao valor desse conhecimento visto à luz dos "fatores sociais e históricos". Como se estabeleceria, então, a verdade no conhecimento a partir dessa especificidade? Para Mannheim, a verdade se estabelece historicamente (ÁVILA 2013; MAIA 2013), e recusa uma espécie de presentismo que se instituiu no tratamento da narrativa historiográfica da ciência.

274

Os autores ligados ao Círculo de Viena, fortíssimos opositores da sociologia do conhecimento de Mannheim, seguiam uma concepção antimetafísica e eram conhecidos por uma visão científica do mundo, reforçando a importância para o conhecimento do caráter de verificação que a ciência possuía. O padrão epistemológico das ciências naturais foi renovado e restabelecido, indo de encontro ao defendido pela sociologia do conhecimento, de que as ciências históricas do homem "necessitam de uma outra base que expresse o caráter processual [...] e dinâmico em lugar do substancialismo, isto é, as ciências humanas necessitam de uma ontologia social dinâmica" (MAIA 2013, p. 95).

O II Congresso de História da Ciência, realizado em Londres em 1931, comumente visto como fundamental para marcar a disputa sobre a relação história e ciência, é deslocado pelo autor para uma outra circunstância, que giraria em torno do crescimento ou avanço da teoria mannheimiana sobre o lugar da ciência. Não se trataria, contudo, de uma disputa entre internalistas e externalistas, pouco significativa, já que estranhamente tratam a historicidade do processo cognitivo com distanciamento, mas a vitória, se assim podemos tratar, de uma perspectiva de ciência defendida pelo empirismo lógico, na feição neopositivista. A purificação da ciência configura-se no conhecimento reduzido a termos lingüísticos e o conhecimento empírico teria uma base relativa ao

diretamente dado; intensifica-se, assim, a saída do tempo e da história dessa forma de compreensão da ciência, e, dessa forma, almeja-se chegar ao conhecimento absoluto, por uma filosofia da linguagem (ÁVILA 2012; MAIA 2013; McGUIRRE; TUCHANSKA 2013).

À primeira vista, a outra ideia central do livro parece uma contradição em relação ao propósito do estudo, mas o que se viu acontecer foi a institucionalização da dicotomia p no periódico *Erkenntnis* (dirigido pela parceria entre Reichenbach e Carnap), expressão do Círculo de Viena e onde, em 1930, *Ideologia e utopia*, de Mannheim, é fortemente combatido. Entre as principais questões da publicação do autor húngaro encontra-se talvez a mais polêmica: sujeito e objeto partilham o contexto social e assim a sociologia do conhecimento não pode desprezar essa condição. Alijar os atos de suas motivações provoca a perda do significado do campo das humanidades. A presença de pontos importantes da reflexão de Ludwig Fleck também nota-se em seu *Ideologia*, como o 'estilo de pensamento', que exerce "sobre o pensamento do indivíduo uma coerção, converte-se na percepção imediata das formas correspondentes, de tal modo que qualquer observação científica será uma função do estilo de pensamento" (MAIA 2013, p. 215).

O papel da dupla Reichenbach/Carnap é fundamental para a longevidade das ideias do Círculo, e a obra *A estrutura lógica do mundo. Ensaio de uma teoria da constituição dos conceitos*, de Carnap (1928), de certa forma, antecipa, segundo C. A. Maia, a teoria avançada por seu parceiro, logo depois, sobre o "contexto de descoberta" e "contexto de justificação" de uma teoria científica. De acordo com a formulação do autor, esse momento é de profunda tensão; na sociologização de Reichenbach: "desvincula-se a gênese histórica das teorias de sua validade" (MAIA 2013, p. 120). Mannheim e Fleck são lançados juntos ao ostracismo.

Antes do resgate de Mannheim pelo programa Forte, na década de 1970, seu amargo caminho não se restringiu à Alemanha. Quando era preparada uma tradução de sua obra para publicação nos Estados Unidos – onde o autor objetivava estabelecer-se academicamente –, com acréscimos e cuidadosa explicação sobre o debate em terras germânicas, a pesada crítica antecipa sua publicação, através da resenha de Alexander Von Schelting na *American Sociology Review*. Outros autores, da mesma forma, empenharam-se na difusão negativa de Mannheim em solo norte-americano, como, por exemplo, Robert Merton, que perto do fim dos anos 1930 publica no periódico *Isis* um perfil bastante próximo ao que Schelting havia circulado. Entre os pontos destacados, um emerge como espécie de força motriz do "hiato historiográfico", como se vê na formulação de C. A. Maia sobre a relação entre ciência e historicidade e também sobre o papel da dicotomia posta por Reichenbach. O resultado indica a apropriação da sociologia mannheimiana, forçando-a a um plano secundário em relação à construção neopositivista.

Mencionou-se a presença de Ludwig Fleck nesse jogo de afastamento da historicidade das questões da ciência. Mesmo resgatado por Khun, o autor polonês permaneceu ainda bem pouco conhecido por décadas, e sua significativa teoria da ciência mereceu apenas uma pequena referência de Reichenbach. *A gênese e desenvolvimento de um fato científico* coloca em questão justamente os limites

do cientificismo, e registra o fato em construção, ligando-o à temporalidade; os outros pilares de sua teoria são igualmente provocativos: “fato e realidade como produções semiológicas, discursivas, do estilo de pensamento” (MAIA 2013, p. 212); os conceitos que se mostram articulados: estilo e coletivo de pensamento (MAIA 2013, p. 212).

Pode-se afirmar que a trama que envolve as questões narrativas da ciência guarda, entre os anos 1930 e 1960, um espectro vasto de leituras, apropriações e refutações do pensamento de Mannheim, que se mesclam à teoria marxista, principalmente no que tange à leitura althusseriana das idéias de Gramsci (em especial sua discussão sobre o cientificismo).

O complexo enredo de autores e lugares presentes no livro – e aqui, por uma economia da resenha, opta-se por não seguir cada um desses pontos – mostra-se medular na leitura, que abre uma espécie de caixa de Pandora sobre a discussão *i/e* na construção dos estudos sobre ciência. Como ilustração da dinâmica do texto, e, ao mesmo tempo, instigando sua leitura, podemos destacar tres autores. Thomas Khun, afamado por dar uma espécie de solução à querela, é visto sob uma outra lente, e é, certamente, mais um tema central do livro: “[Kuhn] optou pelo termo paradigma, por refletir a ideia de uníssono teórico, um consenso típico das ciências naturais, em contraste com as ciências sociais, marcadas pelo desacordo interno de opiniões” (MAIA 2013, p. 181).

276

Bernard Barber, o segundo autor dessa ilustração, é considerado um pioneiro da complementaridade entre os fatores interno e externo. Seu *Science and the social order* é apontado por Steven Shapin como um expoente dessa forma de compreender a ciência. Outro autor que merece destaque, juntamente com Barber e Kuhn, é James Connant, pelo papel que teve na organização das ‘questões da ciência’: seu ensino, difusão e gestão (MAIA 2013, p. 174 *et passim*) nos anos Pós-Guerra. O sucesso dessa política inaugurou uma nova linhagem historiográfica com as provocadoras conferências realizadas em 1946, intituladas *On understanding Science*. Khun seria fortemente influenciado pela proposta dos esquemas conceituais de Connant, que pensava o acúmulo da ciência não como algo intrinsecamente puro, mas pelas condições que concorreram para certas mutações ou quais explicariam sua permanência. Essa apresentação um tanto panorâmica objetiva destacar que o lugar ocupado por Thomas Khun, para Carlos Maia, foi o de fazer a história das ciências um campo guiado pela política para a ciência defendida pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra.

O público leitor ganha um estudo vigoroso que fornece, além do contexto de ‘acontecimento das ideias’ entre 1920 e 1970, uma discussão profícua para pensar como a historicidade habita a história das ciências. Por fim, o livro de Maia está longe de ser um texto ‘apaziguador’; ao contrário, traz a reflexão de como um campo de conhecimento é construído politicamente. A crítica ao processo de domesticação da história das ciências, se aqui se pode arriscar, é o fio condutor do livro, e o enredo é elaborado a partir dessa postura do autor: necessária e bem-vinda.

Referências bibliográficas

- ÁVILA, Gabriel da Costa. Como conferir historicidade à ciência? Um retorno às contribuições de Ludwick Fleck e Karl Mannheim. In: MOLLO, Helena Miranda (org). **Biografia e história das ciências**: debates com a história da historiografia. Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012. Disponível em: <http://www.nehm.ufop.br/images/professors/6/publications/221/221.pdf>.
- MAIA, Carlos Alvarez. **História das ciências**: uma história de historiadores ausentes. Precondições para o aparecimento dos *sciences studies*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- McGUIRE, James E.; TUCHANSKA, Barbara. Da ciência descontextualizada à ciência no contexto social e histórico. **Revista Brasileira de História da Ciência/Sociedade Brasileira de História da Ciência**, v. 6, n. 2, 2013.
- VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Historiografia e história da ciência. **Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, ano 1, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=346&ID_M=2064.